

A cobertura de epidemias na imprensa portuguesa. O caso da Sida

Cristina Ponte¹

Introdução

Esta comunicação apresenta resultados parciais de uma análise de discurso da cobertura desta epidemia por dois jornais portugueses, *Diário de Notícias* e pelo *Correio da Manhã*, entre 1981 e 2000 (Ponte, 2004)². Centrada nos títulos das peças jornalísticas, a análise das suas metáforas e outras representações dá a ver como, nos primeiros anos, se edificou a ilusão de controlo e segurança, sustentada em fontes de informação oficiais e na quase ausência de vozes alternativas, nomeadamente exprimindo o ponto de vista e os direitos cívicos das pessoas directamente afectadas.

A pertinência desta análise justifica-se pelo lugar de destaque que tem hoje a expansão deste vírus em Portugal, comparativamente a outros países da União Europeia.

Segundo dados do Instituto Nacional de Saúde, até 31 de Dezembro de 2003, encontram-se notificados 23.374 casos de infecção VIH/Sida em Portugal, nos diferentes estádios de infecção. Estes incluem casos de Sida (fase mais tardia e estabelecida da doença), PA, portadores assintomáticos (fase inicial da infecção que pode durar vários anos sem sintomas – e CTR, Complexo Relacionado com Sida, ou seja, uma fase intermédia da infecção em que podem aparecer aumentos ganglionares, febrículas e outros sintomas. De 1983 até 2003, foram notificados 10.724 casos de Sida, 10.555 casos de infecção por VIH assintomáticos e 2095 casos classificados como CTR.

No entanto, segundo dados da ONUSIDA, estima-se que haja entre 30 a 50 mil casos de pessoas infectadas pelo VIH em Portugal. Esta discrepância de números deve-se ao facto de haver períodos de vários anos em que a pessoa está infectada, infectando outros, mesmo que se sintam bem. As estimativas da ONUSIDA não fazem parte, porém, das

estatísticas oficiais, sendo elaboradas através de fórmulas matemáticas.

Segundo estatísticas do Centro Europeu para a Vigilância Epidemiológica da Sida de Paris, divulgadas em 2000, Portugal apresentou a maior taxa de incidência de Sida (número de casos de Sida diagnosticados, por milhão de habitantes) da União Europeia, com 104,2 casos por milhão de habitantes— um número bastante mais elevado que a taxa de incidência europeia de 22,5 casos. Aliás, no período entre 1992 e 1998, a taxa de incidência na União Europeia decresceu 45%, mas apenas em Portugal se verificou um acréscimo dessa taxa, que quase duplicou.

Metáforas e representações da doença

Com base nos títulos das peças jornalísticas, realçamos metáforas e representações da Sida nos primeiros anos, pela sua intensidade e por marcarmos o modo de pensar, prolongando a sua influência.

As designações

Como notava Susan Sontag (1984) no seu estudo sobre as metáforas da Sida, a designação corrente (sida) não é despojada de consequências. Ao enfatizar a designação do terceiro estádio para abranger toda a situação de alguém seropositivo, ainda que o vírus não esteja activo, estamos a tomar a parte pelo todo.

Nos títulos do *Diário de Notícias*, a designação *Sida* foi hegemónica face a outras designações, como *vírus da Sida* ou *HIV/Sida*. Interessa observar como essa construção se operou nos primeiros tempos, antes de se tornar dominante.

Nas três primeiras notícias do *Diário de Notícias*, em 1982, num momento em que pouco se conhecia da doença, esta não teve nome próprio, apresentando três designações indirectas, a marcar características que pudes-

sem servir para a interpretação do seu significado, neste caso por referência a outras doenças malignas e a locais de onde teria emanado: *cancro*, *doença misteriosa* e *síndrome cubano*³. Como apontava Susan Sontag, não é estranho que a primeira designação indirecta da nova patologia se tenha feito por referência à mais temida de todas as doenças nesse momento, o cancro. A referência a Cuba vai a par de referências a outras regiões exóticas das Caraíbas e a África, apontadas como o berço do novo vírus, como nos primeiros títulos de outros jornais internacionais.

Ao contrário das designações indirectas, o nome próprio designa directamente o seu referente. Para que exista, é necessário que num dado momento ocorra um “acto de baptismo”, como refere Maingueneau (1997), que faz notar como o nome próprio só é dado a seres frequentemente evocados, relativamente estáveis no espaço e no tempo e com importância social ou afectiva. No caso presente, o nome próprio começou por ser importado da designação norte-americana (*AIDS*). Quando transitou para a designação portuguesa, começou por se apresentar como acrónimo, a enfatizar cada uma das iniciais de síndrome de imunodeficiência adquirida, *SIDA*, com as quatro letras em maiúsculas. Nos primeiros momentos de afirmação do seu nome próprio, como *Sida*, era de género masculino (*o Sida*). A transição para nome comum, como doença corrente (*a sida*), ocorre em 1985, designação dominante quando escrita no interior do título.

Significativos pelo uso do artigo definido (*a*) – a marcar algo já conhecido do leitor e com carácter genérico – são dois títulos de 1983, que coincidem em confinar a nova doença ao grupo social dos homossexuais: – *A peste cor-de-rosa*; *A doença dos homossexuais*, com o primeiro a apresentar duas metáforas a intensificar o seu sentido.

A lenta afirmação do nome próprio não exclui o recurso a outras designações indirectas. Nos anos 80, marcantes pelo enquadramento que trazem a algo de novo e que se vai prolongar no tempo, encontram-se no *Diário de Notícias* múltiplas designações indirectas, umas tomando como referente o

campo da medicina (*vírus diferente*, *vírus do cancro*, *doença rara*, *síndrome imunológica*, *afecções imunológicas*), outras a recorrer a metáforas como *pesadelo do século XX*, *fantasma*, *psicose*, *grande morigeradora*. São muitas também as relações identificativas da Sida, como *camaleão*, *espectro*, *obsessão dos nossos dias*, *medo*, *luta desigual e de morte*, *pavor*, “*casa da morte*”, *problema de saúde número um*, *pálida comparação de a peste negra*, *praga mundial*, ou a ampliar o seu próprio referente (*mil vírus*). O nome próprio é ainda carregado de sentido quando se faz acompanhar insistentemente por verbos como *apavorar*, *matar*, *duplicar*, *propagar*, *alastrar*, *subir em flecha*, entre outros. Como investigações de outros países deram conta, a psicose do medo percorreu a cobertura destes primeiros anos, sobretudo o medo do *outro*, que irá alimentar medidas de segregação por parte de autoridades e actos discriminatórios no dia a dia. Entre títulos centrados na expansão desmesurada da Sida, encontram-se títulos como *Sida: doentes sem cura a caminho do gueto*, a encimar a matéria factual de uma notícia.

Nos primeiros títulos do *Correio da Manhã*, em 1983, recorre-se também a designação indirecta (*doença desconhecida*, *nova doença*, depois identificada por *A nova doença* quando se supõe já do conhecimento do leitor e se anuncia que chegou ao país). O jornal introduziu a designação portuguesa como acrónimo logo em 1983, inicialmente com aspas (“*SIDA*”) e vai prolongar até ao início dos anos 90 o uso dominante desse acrónimo (*SIDA*). A designação em maiúsculas permanecerá embora em posição secundária face ao nome próprio (*Sida*) ou comum (*sida*). Os seus títulos carregam assim mais tempo a designação pelo acrónimo, tornando a palavra graficamente mais marcante.

Também estes primeiros títulos são dramatizados, ao associarem, à designação e aos seus predicados, advérbios que intensificam a velocidade e a coincidência. Como exemplos, em 1983 e 1984: [*Sida*] *já chegou a Portugal*, *já serve para roubar*, *já mata na Suécia*, *também mata em Israel*, *já afectou mais de 3 mil em trinta países*, *já afectou três dezenas no Zaire*, em Portugal *ultrapassa já a dezena*.

A quantificação

O recurso a estatísticas e à linguagem dos números é uma das marcas do jornalismo, como garante da credibilidade da informação. As quantificações são procuradas avidamente por jornalistas, que necessitam de números para tornar a história mais visível e mais próxima dos leitores, pela brutalidade da sua expressão ou pela singularidade do carácter excepcional da situação desencadeada.

Quando aprecia a cobertura de uma epidemia alimentar por parte dos media britânicos, nos anos 80, Roger Fowler (1991: 147-8) designa-a por histeria. Isso não significa que considere a situação insignificante ou ilusória, classifica a cobertura dos media como histérica pelo seu próprio conteúdo emocional. Das marcas desse estilo histérico fazem parte a retórica da adjectivação e da quantificação e o uso de verbos adequados à ideia de um crescimento desmesurado (*disparar, multiplicar, proliferar, progredir, escalar...*). Também na cobertura da problemática da Sida no Reino Unido, o autor encontrou essa tendência.

Nos títulos dos dois jornais portugueses, muito cedo os números dispararam. A sua leitura cronológica mostra como essa procura de ilustrar numericamente a situação, sobretudo de fora do país, se processou com valores contraditórios. Ressalta a ausência de um acompanhamento jornalístico dos dados editados, como se a chegada à redacção de informação proveniente de fontes com alguma credibilidade fosse suficiente para a tornar pública e não se justificasse um olhar mais atento ao que o jornal tinha dito e agora entrava em contradição com a nova informação.

A título de exemplos, em 1985, o *Diário de Notícias* punha em título: *O vírus da Sida já infecta dois milhões de norte-americanos*. Dois meses depois intitulava: *Sida ameaça um milhão de americanos*. No ano seguinte, a 22 de Novembro de 1986, anunciava: *Mais de dois mil com Sida em cada 24 horas na RFA*, para poucos meses depois afirmar com a mesma certeza: *Sida em todo o mundo atinge 34 mil pessoas e Há Sida em 98 países e os casos são 45608*.

A mesma quantificação de números nos títulos perpassa nos primeiros anos pelo *Correio da Manhã*: *400 mil com sida nos EUA*; poucas semanas depois, *2 milhões de americanos com SIDA*; *50% dos homossexuais poderão morrer*; *400 mil alemães portadores do vírus*. Entre estes títulos de massa, o singular que anuncia a morte de *Uma garota italiana*.

A análise ao modo como pessoas seropositivas aparecem nestes jornais enquanto “actores principais” das peças mostrou que o singular predomina sobre o colectivo, como damos conta noutra trabalho (Ponte, 2004). Ou seja, dá-se mais espaço às figuras públicas que morrem de sida e a indivíduos associados a actividades marginais, como o pequeno crime e a prostituição, do que ao colectivo, quando uma das características desta doença, nos anos 80, noutros países, foi ter-se feito acompanhar de fortes movimentos de pressão contra medidas discriminatórias e por um acesso facilitado a medicamentos. Em Portugal, por contraste, é escassa a visibilidade de movimentos de exigência do reconhecimento dos direitos cívicos de pessoas seropositivas.

Na maioria das peças aparecem então “grandes números”, assustadores mas silenciosos na sua grandiosidade abstracta. Não significa que não tenham tido fontes de informação por detrás, nomeadamente agências internacionais e fontes institucionais. O que acontece é que, sendo esses os circuitos privilegiados, sem vezes alternativas organizadas nem jornalistas a acompanharem a problemática de uma forma continuada e atenta, as histórias que se contam são uma sucessão de informação rápida, repetitiva, sincopada, por vezes mesmo assente em frágeis bases de verdade. Correspondem a histórias já conhecidas, numa lógica de reprodução conformada e totalizante.

A “causa” e a “transmissão” da Sida

Desde os primeiros anos destas notícias que a procura da “causa” da nova síndrome e as possibilidades de transmissão do vírus estiveram presentes nos dois jornais, aí surgindo as hipóteses mais variadas. O *Correio da Manhã* teve mais intervenção,

com sugestões sobre a origem e formas de contágio, dando presença às mais diversas possibilidades de transmissão, que alimentariam a exigência de políticas de ostracismo para todos aqueles que se soubesse serem seropositivos, como de resto os jornais também dão conta, enquanto “factos” a noticiar.

Como memória destes fantasmas, aqui se registam algumas dessas ideias, umas apresentadas como “verdades” ou com fortes probabilidades de o serem, só sendo desmentidas – e não pelo mesmo jornal – muito mais tarde.

Picada de mosquitos poderá provocar sida⁴

O vírus da SIDA veio do espaço⁵

Insectos não passam o vírus da sida⁶

Sida também se transmite pelas lágrimas⁷

Sida não se “pega” por contacto casual⁸

Vírus da SIDA não se propaga no trabalho⁹

Insectos africanos poderão transmitir Sida¹⁰

Também no suor foi encontrado o vírus da SIDA¹¹

Suor não transmite o vírus da sida¹²

Beijo é transmissor¹³

O beijo não pega a sida¹⁴

A batalha médica

A vitória ou a impotência da ciência e da medicina face à síndrome, nestes 20 anos, permanecem como duas grandes narrativas que se interligam. Como marcas dessa disputa, é exemplar o confronto de discursos sobre uma provável vacina para a Sida, e as disputas e desacordos entre as próprias comunidades médica e científica sobre as possibilidades da sua criação. Assim se alimentou a ‘novela da vacina’, numa narrativa de final incerto, como ainda hoje permanece.

Nos anos 80, lia-se que a [vacina contra a Sida] *pode estar pronta dentro de dois anos; prevê-se para breve; dentro de 4 anos?; difícil ainda de prever o prazo; prevista para breve; médicos dos EUA anunciam...; é ainda impossível; regista progressos; só daqui a cinco anos; ainda é impossível; admitida para*

1987; justifica optimismo; só depois de 1990; estará à venda daqui a três anos...

A batalha moral

Sublinhava também Susan Sontag que uma doença com as características da Sida tinha poder para suscitar a convocação de batalhas contra a vivência da sexualidade que não decorresse de acordo com os cânones da moral dominante. Para além do foco nos homossexuais masculinos como os responsáveis pelo contágio, que constituiu o primeiro enquadramento nos dois jornais, à semelhança do que aconteceu noutros países, a referência assertiva a vivências da sexualidade, por vezes com ironia, noutras com interpelação directa ao leitor, marca uma forte presença no *Diário de Notícias* até princípios dos anos 90.

Podemos aí reconhecer o peso de fontes institucionais, nomeadamente ligadas à Igreja Católica, mas também a assunção pelos jornais de um discurso moralista e cúmplice com o imaginado leitor, branco, heterossexual e de classe média. Estes títulos moralistas vão reduzir-se nos anos 90, altura em que começaram a ter maior visibilidade as palavras de pessoas directamente afectadas e também das organizações não governamentais, como a Abraço, que gerou campanhas com maior visibilidade mediática, como a promoção do uso do preservativo.

Entre outros títulos de *batalha moral* dos primeiros anos, podemos observar como nalguns o *Diário de Notícias* como enunciador se dirige directamente ao leitor, pelo imperativo que aconselha, pela asserção que não admite contestação, pela adopção das palavras de outros, fazendo-as suas ao eliminar as aspas desse discurso directo:

Acabaram os dias da liberdade sexual¹⁵

Fidelidade conjugal é o melhor meio para evitar o contágio da doença¹⁶

Abuso das leis da natureza resultou na sida¹⁷

Sida está a “moralizar” os costumes em África¹⁸

Medo da sida está a modificar o comportamento de solteiros¹⁹

Títulos centrados no alerta para com o desempenho sexual não canónico acontecem também até aos inícios dos anos 90 no *Correio da Manhã*, onde esta batalha moral foi mais visível e enfática. Na sua economia, contam a moral da história, numa linguagem coloquial e cúmplice, com as aspas a sugerir outros sentidos, também com avaliações, comentários e asserções formuladas com grau máximo de certeza. Alguns dos títulos repetem-se mesmo, com poucas semanas de intervalo. Em vários, a nova doença surge quase como justiceira, estigmatizando estereótipos da mulher sedutora e libertina. Os agentes das acções estão ausentes, quando pressuposto está que se dirigem aos “não seropositivos”, a *todos nós*. A título de exemplo, estes títulos que têm em comum a ênfase no verbo no presente, a acentuar a actualidade da enunciação, um presente que também é contínuo e ainda intemporal:

Só fidelidade conjugal evita contágio da SIDA²⁰

SIDA está a contribuir para a fidelidade conjugal²¹

Casamento e fidelidade atraem cada vez mais a Suécia do sexo livre²²

Medo de contágio da SIDA promove os bons costumes²³

Suecas dizem que a SIDA provoca falta de amantes²⁴

“Fuga” à SIDA implica alterações sexuais²⁵

Sida: Promiscuidade sexual é a maior causa de contágio

Sida torna francesas fiéis²⁶

Há no *Correio da Manhã* títulos que contrariam essa posição e que mostram, na sua apresentação, a distância do jornal em relação àquilo que neles se afirma, pelo uso de aspas. Aquelas são palavras que o jornal apresenta como não sendo suas:

“SIDA não é punição... mas sim doença”²⁷

“É absurdo pensar que a SIDA é uma forma de punição”²⁸

A Sida, cá dentro

Nos primeiros anos, Portugal diferenciava-se do caos exterior por uma aparente quase imunidade.

Em 1984, os dois jornais noticiam a seropositividade do primeiro português, alguém que vem de fora, um emigrante, com o *Correio da Manhã* a acentuar que *é o único com sida*. Meses depois, informam da morte de António Variações, embora sem referência directa à nova doença. Em 1985, outros casos pontuais vão surgir, no Algarve, em Coimbra.

A par destas informações, o *Correio da Manhã* dá conta de preocupações com possíveis contágios, por parte de médicos e enfermeiros, da baixa incidência da sida no norte do país, do elevado custo do teste, de crianças hospitalizadas. Anuncia (*Já temos*) um novo centro especializado em doenças transmissíveis e que *Portugal “arma-se” na luta contra a SIDA*. Informa também que *Portugal não importa sangue* e que *Hemofílicos portugueses não correm riscos de sida*. O número de “casos” vai subindo, chega às quatro dezenas em 1986, mas está muito aquém dos grandes números dos títulos sobre outros países, como vimos. Em 1987, o jornal chama a atenção, em manchete de primeira página, para as palavras de um jovem seropositivo, que *vê a vida a fugir-lhe* e que *lhe faz confissões*, na primeira peça deste conjunto que ouve uma pessoa seropositiva.

Por contraponto a estes títulos e a outros que dão conta de preocupações de reclusos quanto ao contágio, ou do pouco conhecimento existente sobre preservativos, a partir de 1987, com o número de casos a continuar a subir, encontram-se títulos tranquilizantes, que fazem suas palavras de fontes institucionais:

Tudo bem no Algarve em matéria de SIDA²⁹

SIDA em Portugal é extremamente rara³⁰

SIDA em Portugal só afecta 54 pessoas³¹

Um milhão de portugueses mudou hábitos sexuais com medo da SIDA³²

Sida não preocupa os portugueses³³

Somos o país da Europa com menor taxa de sida³⁴

Portugal é o penúltimo em casos de SIDA³⁵

A tensão entre perspectivas diferentes quanto à situação portuguesa transparece mais cedo no *Diário de Notícias*, com títulos contraditórios como:

Apenas quatro casos de Sida entre residentes em Portugal³⁶

Sida: afinal também temos³⁷

Não há mais casos de Sida em Portugal³⁸

Sida em Portugal não é muito grave³⁹

Sida em Portugal está a aumentar⁴⁰

Há poucas condições no País para evitar contágio da doença⁴¹

Sida em Portugal mergulhada no caos⁴²

Português está informado sobre os perigos da sida⁴³

Luta contra a SIDA: Portugal está orgulhoso⁴⁴

Sida em Portugal causa preocupação⁴⁵

Sida em Portugal tende a diminuir⁴⁶

Sida dispara em Portugal⁴⁷

Conclusões

Pela cronologia destes títulos, podemos registar como se prolongou a ilusão do país

como um relativo oásis quanto à nova patologia, enquanto se teciam as mais variadas hipóteses sobre a sua “causa”, se davam conta dos infundáveis episódios da descoberta de uma cura a curto prazo e da inevitável batalha moral, que colocava a doença como da ordem do castigo, nomeadamente no campo da sexualidade.

Isto aconteceu sobretudo nos anos 80, num tempo onde vozes alternativas às das fontes institucionais – oficiais e religiosas sobretudo – ainda não se faziam ouvir nos media. Os primeiros anos da patologia no país foram assim marcados por dois movimentos paralelos: enquanto aumentava o número de pessoas identificadas como atingidas pelo vírus, liam-se mensagens contraditórias, mas marcadas pela metáfora do país como um relativo oásis face ao que se passava *lá fora*.

Nos anos 90, enquanto crescia, quase em silêncio, o número de pessoas infectadas, ao invés do que acontecia noutros países da União Europeia, nestes dois jornais diminuíam as peças e a Sida terá dificuldade em ser tratada jornalisticamente fora de grandes eventos ou das pequenas notícias de assaltos com a seringa como arma, fora de escândalos do sangue contaminado ou dos falsos medicamentos, fora da efeméride do seu Dia Mundial, a 1 de Dezembro.

Bibliografia

Fowler, R. (1991). *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press* (3ª ed.). London: Routledge, 1994.

Mainueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris, Dunod.

Ponte, C. (2004). *Notícias e silêncios. A cobertura da Sida no Diário de Notícias e no Correio da Manhã (1981-2000)*. Porto: Porto Editora

Sontag, S. (1977-1988). *La enfermedad y sus metáforas. El sida y sus metáforas*. Madrid: Taurus.

¹ Universidade Nova de Lisboa

² Esta pesquisa constitui a III Parte do Projecto de Investigação POCTI/COM/36218/99, *Elementos para uma teoria da notícia. Análise de caso sobre a mediação jornalística portuguesa de um problema social, VIH/SIDA*, coordenado por Nelson Traquina e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

³ *Síndrome cubano já matou 564 pessoas*, título do *Diário de Notícias*, de 27 de Março de 1983. Secção Informação Geral. Notícia, não assinada, título a 2 colunas

⁴ *Correio da Manhã*, 18 de Agosto de 1985. Notícia, não assinada. Título a 2 colunas. Imagem de crianças, em lixeira. Legenda: *Deficientes condições higiénicas expõem as pessoas a numerosas infecções, debilitando o sistema imunológico e deixando-as mais vulneráveis ao vírus da SIDA*

⁵ *Correio da Manhã*, 12 de Dezembro de 1986. Notícia de página inteira, não assinada. Imagens do planeta Terra, visto do espaço e de rua em dia de chuva. Legenda: *As chuvas que caem sobre a Terra poderão ser veículo de transporte do vírus da SIDA*

⁶ *Diário de Notícias*, 10 de Janeiro de 1988. Secção de Informação Geral. Notícia breve, não assinada

⁷ *Correio da Manhã*, 17 de Agosto de 1985. Fonte: investigadores norte-americanos

⁸ *Diário de Notícias*, 9 de Agosto de 1986. Secção de Informação Geral. Notícia breve, não assinada, título a 2 colunas.

⁹ *Correio da Manhã*, 1988. Notícia breve, não assinada

¹⁰ *Diário de Notícias*, 25 de Agosto de 1986. Secção de Informação Geral. Notícia, não assinada, título a 3 colunas.

¹¹ *Correio da Manhã*, 26 de Junho de 1987. Notícia, não assinada, título com destaque, a 2 colunas

¹² *Correio da Manhã*, 20 de Dezembro de 1991. Notícia breve, não assinada

¹³ *Correio da Manhã*, 1987. Notícia breve, não assinada

¹⁴ *Diário de Notícias*, 15 de Maio de 1992. Secção Quotidianos. Notícia breve, não assinada

¹⁵ *Diário de Notícias*, 16 de Maio de 1987. Suplemento, chamada de primeira página, para entrevista com Elisabeth Taylor

¹⁶ *Diário de Notícias*, 15 de Junho de 1987. Informação Geral. Notícia, não assinada, título a 4 colunas. Fonte: bispos espanhóis em carta pastoral. Foto de cientista, com máscara, em laboratório

¹⁷ *Diário de Notícias*, 23 de Março de 1987. Notícia breve, não assinada, título a 5 colunas. Fonte: bispo de Setúbal

¹⁸ *Diário de Notícias*, 28 de Novembro de 1990. Suplemento Medicina e Ciência. Feature de John Tierney, 2 páginas. Fotografias: criança negra a ser beijada por mulher branca, de manifestantes negros e de mulher com criança negra ao colo

¹⁹ *Diário de Notícias*, 20 de Junho de 1991. Notícia breve, não assinada, título a 2 colunas

²⁰ *Correio da Manhã*, 1 de Agosto de 1985. Notícia não assinada. Fonte: director do Instituto de Práticas Sexuais Avançadas de São Francisco

²¹ *Correio da Manhã*, 1985. Este título surge duas vezes nesse ano.

²² *Correio da Manhã*, 27 de Agosto de 1986. Feature, página inteira, não assinada. Título à largura da página, em 3 linhas, fotografias de casal e carrinho de bebé, de jovens mulheres em fato de banho.

²³ *Correio da Manhã*, 21 de Maio de 1987. Notícia, não assinada, título a toda a largura da página

²⁴ *Correio da Manhã*, 23 de Julho de 1987. Notícia, não assinada, título a 3 colunas

²⁵ *Correio da Manhã*, 8 de Julho de 1989. Notícia, não assinada, título a 3 colunas, com destaque

²⁶ *Diário de Notícias*, 8 de Março de 1996. Secção Síntese/Sociedade. Notícia breve, não assinada

²⁷ *Correio da Manhã*, 17 de Maio de 1987. Suplemento “Correio dos Jovens”, manchete. Título retirado da resposta de um leitor a um inquérito lançado pelo suplemento

²⁸ *Correio da Manhã*, Junho de 1987. Suplemento “Correio dos Jovens”. Como o anterior, título retirado da resposta de um leitor a um inquérito lançado pelo suplemento

²⁹ *Correio da Manhã*, 1987. Notícia breve, não assinada, título a 2 colunas. Fonte: administrador regional de saúde

³⁰ *Correio da Manhã*, 1987. Notícia, não assinada. Título com destaque, 2 colunas. Fonte:

Norton Brandão, médico, no VI Congresso do Clínico Geral

³¹ *Correio da Manhã*, 4 de Julho de 1987. Notícia, não assinada. Título a 2 colunas. Fonte: documento da Organização Mundial de Saúde

³² *Correio da Manhã*, 25 de Novembro de 1987. *Feature* de Miguel Gaspar, 1 página. Título à largura da página, em duas linhas. Fonte: Grupo de Trabalho da SIDA

³³ *Correio da Manhã*, 22 de Março de 1988. Notícia breve, não assinada. Fonte: Sondagem da Gallop

³⁴ *Correio da Manhã*, 7 de Novembro de 1988. Notícia, não assinada, título a 2 colunas e 4 linhas. Fonte: Organização Mundial de Saúde

³⁵ *Correio da Manhã*, 1989. Notícia breve, não assinada. Título com destaque. Fonte: Ministra Leonor Beleza

³⁶ *Diário de Notícias*, 1 de Setembro de 1985. Informação Geral. Notícia, não assinada. Título a 4 colunas. Fonte: Gabinete do Ministro da Saúde

³⁷ *Diário de Notícias*, 5 de Setembro de 1985. Suplemento Saúde. Artigo assinado por Maria Guiomar Lima. Fotografia de homem, seropositivo.

³⁸ *Diário de Notícias*, 19 de Março de 1986. Informação Geral. Notícia, não assinada, título a 2 colunas. Fonte: Instituto Nacional de Sangue

³⁹ *Diário de Notícias*, 1 de Junho de 1988. Última página. Notícia, não assinada. Fonte: Leonor Beleza

⁴⁰ *Diário de Notícias*, 15 de Fevereiro de 1989. Informação Geral. Notícia, não assinada, 2 colunas. Fonte: Grupo de Trabalho da Sida

⁴¹ *Diário de Notícias*, 18 de Fevereiro de 1989. Informação Geral. Notícia, não assinada, 2 colunas. Fonte: especialistas de saúde, reunidos em Simpósio

⁴² *Diário de Notícias*, 29 de Novembro de 1994. Reportagem, com chamada de primeira página, a propósito do Dia Mundial da Sida.

⁴³ *Diário de Notícias*, 10 de Abril de 1988. Informação Geral. Notícia com base em sondagem. Título a 4 colunas. Quadros estatísticos e imagem de laboratório.

⁴⁴ *Notícias Magazine*. Artigo de opinião de Isabel Leal, psicoterapeuta e psicóloga clínica

⁴⁵ *Correio da Manhã*, 23 de Outubro de 1990. Fonte: ADDEPOS, Associação dos Direitos e Deveres dos Seropositivos e Portadores do Vírus da Sida

⁴⁶ *Diário de Notícias*, 28 de Novembro de 1990. Chamada de primeira página, que remete para uma reportagem assinada por Helena Mendonça, tendo como base um relatório do Grupo de Trabalho da Sida.

⁴⁷ *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1998. Manchete do jornal, que remete para uma reportagem assinada por Leonor Figueiredo. Esta peça baseia-se num estudo realizado por dois matemáticos e uma epidemiologista.